

## ***Farsa ou Auto de Inês Pereira*** **de Gil Vicente**

A seguinte farsa de folgar foi representada ao muito alto e mui poderoso rei D. João, o terceiro do nome em Portugal, no seu Convento de Tomar, era do Senhor de MDXXIII. O seu argumento é que porquanto duvidavam certos homens de bom saber se o Autor fazia de si mesmo estas obras, ou se furtava de outros autores, lhe deram este tema sobre que fizesse: segundo um exemplo comum que dizem: *mais quero asno que me leve que cavalo que me derrube*. E sobre este motivo se fez esta farsa.

A figuras são as seguintes: Inês Pereira; sua Mãe; Lianor Vaz; Pêro Marques; dous Judeus (um chamado Lafão, outro Vidal); um Escudeiro com um seu Moço; um Ermitão; Luzia e Fernando.

*Finge-se que Inês Pereira, filha de hũa molher de baixa sorte, muito fantesiosa, está lavrando em casa, e sua mãe é a ouvir missa, e ela canta esta cantiga:*

*Canta Inês:*

Quien con veros pena y muere  
Que hará quando no os viere?

*(Falando)*

INÊS – Renego deste lavar  
E do primeiro que o usou;  
Ó diabo que o eu dou,  
Que tão mau é d'aturar.  
Oh Jesu! que enfadamento,  
E que raiva, e que tormento,  
Que cegueira, e que canseira!  
Eu hei-de buscar maneira  
D'algum outro aviamento.

Coitada, assi hei-de estar  
Encerrada nesta casa  
Como panela sem asa,  
Que sempre está num lugar?  
E assi hão-de ser logrados  
Dous dias amargurados,  
Que eu possa durar viva?  
E assim hei-de estar cativa

Em poder de desfiados?

Antes o darei ao Diabo  
 Que lavar mais nem pontada.  
 Já tenho a vida cansada  
 De fazer sempre dum cabo.  
 Todas folgam, e eu não,  
 Todas vêm e todas vão  
 Onde querem, senão eu.  
 Hui! e que pecado é o meu,  
 Ou que dor de coração?

Esta vida he mais que morta.  
 Sam eu coruja ou corujo,  
 Ou sam algum caramujo  
 Que não sai senão à porta?  
 E quando me dão algum dia  
 Licença, como a bugia,  
 Que possa estar à janela,  
 É já mais que a Madanela  
 Quando achou a aleluá.

*Vem a Mãe, e não na achando lavrando, diz:*

MÃE – Logo eu adivinhei  
 Lá na missa onde eu estava,  
 Como a minha Inês lavrava  
 A tarefa que lhe eu dei...  
 Acaba esse travesseiro!  
 Hui! Nasceu-te algum unheiro?  
 Ou cuidas que é dia santo?  
 INÊS – Praza a Deos que algum quebranto?  
 Me tire do cativoiro.

MÃE – Toda tu estás aquela!  
 Choram-te os filhos por pão?  
 INÊS – Prouvesse a Deus! Que já é razão  
 De eu não estar tão singela.  
 MÃE – Olhade ali o mau pesar...  
 Como queres tu casar  
 Com fama de preguiçosa?  
 INÊS – Mas eu, mãe, sam aguçosa  
 E vós dais-vos de vagar.

MÃE – Ora espera assi, vejamos.  
 INÊS – Quem já visse esse prazer!

MÃE – Cal'-te, que poderá ser  
 Que «ame a Páscoa vêm os Ramos».  
 Não te apresses tu, Inês.  
 «Maior é o ano que o mês»:  
 Quando te não precatares,  
 Virão maridos a pares,  
 E filhos de três em três.

INÊS – Quero-m'ora alevantar.  
 Folgo mais de falar nisso,  
 Assi me dê Deos o paraíso,  
 Mil vezes que não lavar  
 Isto não sei que me faz  
 MÃE – Aqui vem Lianor Vaz.  
 INÊS – E ela vem-se benzendo...

*(Entra Lianor Vaz)*

LIANOR – Jesu a que me eu encomendo!  
 Quanta cousa que se faz!

MÃE – Lianor Vaz, que é isso?  
 LIANOR – Venho eu, mana, amarela?  
 MÃE – Mais ruiva que uma panela.  
 LIANOR – Não sei como tenho siso!  
 Jesu! Jesu! que farei?  
 Não sei se me vá a el-Rei,  
 Se me vá ao Cardeal.  
 MÃE – Como? e tamanho é o mal?  
 LIANOR – Tamanho? eu to direi:

Vinha agora pereli  
 Ó redor da minha vinha,  
 E hum clérigo, mana minha,  
 Pardeos, lançou mão de mi;  
 Não me podia valer  
 Diz que havia de saber  
 S'era eu fêmea, se macho.  
 MÃE – Hui! seria algum muchacho,  
 Que brincava por prazer?

LIANOR – Si, muchacho sobejava  
 Era hum zote tamanhouço!  
 Eu andava no retouço,  
 Tão rouca que não falava.  
 Quando o vi pegar comigo,

Que m'achei naquele p'rigo:  
 – Assolverei! - não assolverás!  
 – Tomarei! – não tomarás!  
 – Jesu! homem, qu'has contigo?

– Irmã, eu te assolverei  
 Co breviairo de Braga.

– Que breviairo, ou que praga!  
 Que não quero: aqui d'el-Rei! –  
 Quando viu revolta a voda,  
 Foi e esfarrapou-me toda  
 O cabeção da camisa.  
 MÃE – Assi me fez dessa guisa  
 Outro, no tempo da poda.

Eu cuidei que era jogo,  
 E ele... dai-o vós ao fogo!  
 Tomou-me tamanho riso,  
 Riso em todo meu siso,  
 E ele leixou-me logo.  
 LIANOR – Si, agora, eramá,  
 Também eu me ria cá  
 Das cousas que me dizia:  
 Chamava-me «luz do dia».  
 – «Nunca teu olho verá!» –

Se estivera de maneira  
 Sem ser rouca, bradar'eu;  
 Mas logo m'o demo deu  
 Catarrão e peitogueira,  
 Cócegas e cor de rir,  
 E coxa pera fugir,  
 E fraca pera vencer:  
 Porém pude-me valer  
 Sem me ninguém acudir...

O demo (e não pode al ser)  
 Se chantou no corpo dele.  
 MÃE – Mana, conhecia-te ele?  
 LIANOR – Mas queria-me conhecer!  
 MÃE – Vistes vós tamanho mal?  
 LIANOR – Eu m'irei ao Cardeal,  
 E far-lhe-ei assi mesura,  
 E contar lhe-ei a aventura  
 Que achei no meu olival.

MÃE – Não estás tu arranhada,  
 De te carpir, nas queixadas?  
 LIANOR – Eu tenho as unhas cortadas,  
 E mais estou tosquiada:  
 E mais pera que era isso?  
 E mais pera que é o siso?  
 E mais no meio da requesta  
 Veio hum homem de hũa besta,  
 Que em vê-lo vi o p'raíso,

E soltou-me, porque vinha  
 Bem contra sua vontade.  
 Porém, a falar a verdade,  
 Já eu andava cansadinha:  
 Não me valia rogar  
 Nem me valia chamar:  
 – «Aque de Vasco de Fois,  
 Acudi-me, como sois!»  
 E ele... senão pegar:

– Mais mansa, Lianor Vaz,  
 Assi Deus te faça santa.  
 – Trama te dê na garganta!  
 Como! isto assi se faz?  
 – Isto não revela nada...  
 – Tu não vês que são casada?  
 MÃE – Deras-lhe, má hora, boa,  
 E mordera-lo na coroa.  
 LIANOR – Assi! fora excomungada.

Não lhe dera um empuxão,  
 Porque sou tão maviosa,  
 Que é cousa maravilhosa.  
 E esta é a concrusão.  
 Leixemos isto. Eu venho  
 Com grande amor que vos tenho,  
 Porque diz o exemplo antigo  
 Que a amiga e bom amigo  
 Mais aqueça que o bom lenho.

Inês está concertada  
 Pera casar com alguém?  
 MÃE – Até `gora com ninguém  
 Não é ela embaraçada.  
 LIANOR – Eu vos trago um casamento

Em nome do anjo bento.  
 Filha, não sei se vos praz.  
 INÊS – E quando, Lianor Vaz?  
 LIANOR – Eu vos trago aviamento.

INÊS – Porém, não hei-de casar  
 Senão com homem avisado  
 Ainda que pobre e pelado,  
 Seja discreto em falar  
 LIANOR – Eu vos trago um bom marido,  
 Rico, honrado, conhecido.  
 Diz que em camisa vos quer  
 INÊS – Primeiro eu hei-de saber  
 Se é parvo, se sabido.

LIANOR – Nesta carta que aqui vem  
 Pera vós, filha, d'amores,  
 Veredes vós, minhas flores,  
 A discrição que ele tem.  
 INÊS – Mostrai-ma cá, quero ver  
 LIANOR – Tomai. E sabedes vós ler?  
 MÃE – Hui! e ela sabe latim  
 E gramática e alfaqui  
 E tudo quanto ela quer!

INÊS – *(lê a carta)*

«Senhora amiga Inês Pereira,  
 Pêro Marquez, vosso amigo,  
 Que ora estou na nossa aldeia,  
 Mesmo na vossa mercea  
 M'encomendo. E mais digo,  
 Digo que benza-vos Deos,  
 Que vos fez de tão bom jeito.  
 Bom prazer e bom proveito  
 Veja vossa mãe de vós.

Ainda que eu vos vi  
 Est'outro dia folgar  
 E não quisestes bailar,  
 Nem cantar presente mi...»  
 INÊS – Na voda de seu avô,  
 Ou onde me viu ora ele?  
 Lianor Vaz, este é ele?  
 LIANOR – Lede a carta sem dó,  
 Que inda eu são contente dele.

*Prossegue Inês Pereira a carta:*

«Nem cantar presente mi.  
 Pois Deos sabe a rebentinha  
 Que me fizestes então.  
 Ora, Inês, que hajais bênção  
 De vosso pai e a minha,  
 Que venha isto a concurião.  
 E rogo-vos como amiga,  
 Que samicas vós sereis,  
 Que de parte me faleis  
 Antes que outrem vo-lo diga.  
 E, se não fiais de mi,  
 Esteja vossa mãe aí,  
 E Lianor Vaz de presente.

Veremos se sois contente  
 Que casemos na boa hora.»  
 INÊS – Des que nasci até agora  
 Não vi tal vilão com'este,  
 Nem tanto fora de mão!  
 LIANOR – Não queirais ser tão senhora.  
 Casa, filha, que te preste,  
 Não percas a ocasião.

Queres casar a prazer  
 No tempo d'agora, Inês?  
 Antes casa, em que te pês,  
 Que não é tempo d'escolher.  
 Sempre eu ouvi dizer:  
 «Ou seja sapo ou sapinho,  
 Ou marido ou maridinho,  
 Tenha o que houver mister.»  
 Este é o certo caminho.

MÃE – Pardeus, amiga, essa é ela!  
 «Mata o cavalo de sela  
 E bom é o asno que me leva».  
 Filha, «no Chão de Couce  
 Quem não puder andar choute.»  
 E: «mais quero eu quem m'adore  
 Que quem faça com que chore».  
 Chamá-lo-ei, Inês?  
 INÊS – Si.

Venha e veja-me a mi.  
 Quero ver quando me vir  
 Se perderá o presumir  
 Logo em chegando aqui,  
 Pera me faltar de rir.

MÃE – Touca-te, se cá vier  
 Pois que pera casar anda.  
 INÊS – Essa é boa demanda!  
 Cerimónias há mister  
 Homem que tal carta manda?  
 Eu o estou cá pintando:  
 Sabeis, mãe, que eu adivinho?  
 Deve ser um vilãozinho  
 Ei-lo, se vem penteando:  
 Será com algum ancinho?

*Aqui vem Pêro Marques, vestido como filho de lavrador rico, com um gabão azul deitado ao ombro, com o capelo por diante, e vem dizendo:*

PÊRO – Homem que vai aonde eu vou  
 Não se deve de correr  
 Ria embora quem quiser  
 Que eu em meu siso estou.  
 Não sei onde mora aqui...  
 Olhai que m'esquece a mi!  
 Eu creio que nesta rua...  
 E esta parreira é sua.  
 Já conheço que é aqui.

Chega Pêro Marques aonde elas  
 estão, e diz:

Digo que esteis muito embora.  
 Folguei ora de vir cá...  
 Eu vos escrevi de lá  
 Ûa cartinha, senhora...  
 E assi que de maneira...

MÃE – Tomai aquela cadeira.

PÊRO – E que val aqui uma destas?

INÊS – (Ó Jesu! que João das bestas!  
 Olhai aquela canseira!)

*Assentou-se com as costas pera elas, e diz:*

PÊRO – Eu cuido que não estou bem...

MÃE – Como vos chamais, amigo?

PÊRO – Eu Pêro Marques me digo,  
 Como meu pai que Deos tem.  
 Faleceu, perdoe-lhe Deos,  
 Que fora bem escusado,  
 E ficamos dous eréos.  
 Porém meu é o mor gado.  
 MÃE – De morgado é vosso estado?  
 Isso viria dos céus.

PÊRO – Mais gado tenho eu já quanto,  
 E o mor de todo o gado,  
 Digo maior algum tanto.  
 E desejo ser casado,  
 Prouguesse ao Espírito Santo,  
 Com Inês, que eu me espanto  
 Quem me fez seu namorado.  
 Parece moça de bem,  
 E eu de bem, er também.  
 Ora vós er ide vendo  
 Se lhe vem melhor ninguém,  
 A segundo o que eu entendo.

Cuido que lhe trago aqui  
 Pêras da minha pereira...  
 Hão-de estar na derradeira.  
 Tende ora, Inês, per i.  
 INÊS – E isso hei-de ter na mão?  
 PÊRO – Deitae as peas no chão.  
 INÊS – As perlas pera enfiar..  
 Três chocalhos e um novelo...  
 E as peias no capelo...  
 E as pêras? Onde estão?

PÊRO – Nunca tal me aconteceu!  
 Algum rapaz m'as comeu...  
 Que as meti no capelo,  
 E ficou aqui o novelo,  
 E o pente não se perdeu.  
 Pois trazia-as de boa mente...  
 INÊS – Fresco vinha aí o presente  
 Com folhinhas borrifadas!  
 PÊRO – Não, que elas vinham chentadas  
 Cá em fundo no mais quente.

Vossa mãe foi-se? Ora bem...  
 Sós nos deixou ela assi?...

Cant'eu quero-me ir daqui,  
 Não diga algum demo alguém...  
 INÊS – Vós que me havíeis de fazer?  
 Nem ninguém que há-de dizer?  
 (O galante despejado!).  
 PÊRO – Se eu fora já casado,  
 D'outra arte havia de ser  
 Como homem de bom recado.

INÊS – (Quão desviado este está!  
 Todos andam por caçar  
 Suas damas sem casar  
 E este... tomade-o lá!).  
 PÊRO – Vossa mãe é lá no muro?  
 INÊS – Minha mãe eu vos seguro  
 Que ela venha cá dormir  
 PÊRO – Pois, senhora, eu quero-me ir  
 Antes que venha o escuro.  
 INÊS – E não cureis mais de vir.

PÊRO – Virá cá Lianor Vaz,  
 Veremos que lhe dizeis...  
 INÊS – Homem, não aporfieis,  
 Que não quero, nem me apraz.  
 Ide casar a Cascais.  
 PÊRO – Não vos anojarei mais,  
 Ainda que saiba estalar;  
 E prometo não casar  
 Até que vós não queirais.

(Pêro vai-se, dizendo:)  
 Estas vos são elas a vós:  
 Anda homem a gastar calçado,  
 E quando cuida que é aviado,  
 Escarnefucham de vós!  
 Creio que lá fica a pea...  
 Pardeus! Bô ia eu à aldeia!

*(Voltando atrás)*

Senhora, cá fica o fato?  
 INÊS – Olhai se o levou o gato...  
 PÊRO – Inda não tendes candeia?  
 Ponho per cajo que alguém  
 Vem como eu vim agora,  
 E vos acha só a tal hora:

Parece-vos que será bem?  
 Ficai-vos ora com Deos:  
 Çarraí a porta sobre vós  
 Com vossa candeazinha.  
 E sicais sereis vós minha,  
 Entonces veremos nós...

*(Vai-se Pêro Marques e diz Inês Pereira:)*

INÊS – Pessoa conheço eu  
 Que levara outro caminho...  
 Casai lá com um vilãozinho,  
 Mais covarde que um judeu!  
 Se fora outro homem agora,  
 E me topara a tal hora,  
 Estando assi às escuras,  
 Dissera-me mil doçuras,  
 Ainda que mais não fora...

*(Vem a Mãe e diz:)*

MÃE – Pêro Marques foi-se já?  
 INÊS – E pera que era ele aqui?  
 MÃE – E não t'agrada ele a ti?  
 INÊS – Vá-se muitieramá!  
 Que sempre disse e direi:  
 Mãe, eu me não casarei  
 Senão com homem discreto,  
 E assi vo-lo prometo  
 Ou antes o leixarei.

Que seja homem mal feito,  
 Feio, pobre, sem feição,  
 Como tiver discrição,  
 Não lhe quero mais proveito.  
 E saiba tanger viola,  
 E coma eu pão e cebola.  
 Siquer uma cantiguinha!  
 Discreto, feito em farinha,  
 Porque isto me degola.

MÃE – Sempre tu hás-de bailar  
 E sempre ele há-de tanger?  
 Se não tiveres que comer  
 O tanger te há-de fartar?  
 INÊS – Cada louco com sua teima.

Com uma borda de boleima  
 E uma vez d'água fria,  
 Não quero mais cada dia.  
 MÃE – Como às vezes isso queima!

E que é desses escudeiros?  
 INÊS – Eu falei ontem ali  
 Que passaram por aqui  
 Os judeos casamenteiros  
 E hão-de vir agora aqui.

*Aqui entram os Judeus casamenteiros, um, Latão, e outro, Vidal e diz Latão:*

LATÃO – Ou de cá!  
 INÊS – Quem está lá?  
 VIDAL – Nome del Deu, aqui somos!  
 LATÃO – Não sabeis quão longe fomos!  
 VIDAL – Corremos a iramá.  
 Este e eu.

LATÃO – Eu, e este...  
 VIDAL – Pola lama e polo pó,  
 Que era pera haver dó,  
 Com chuva, sol e Nordeste.  
 Foi a coisa de maneira,  
 Tal friúra e tal canseira,  
 Que trago as tripas maçadas.  
 Assi me fadem boas fadas  
 Que me saltou caganeira!

Pera vossa mercê ver  
 O que nos encomendou.  
 LATÃO – O que nos encomendou  
 Será o que hoiver de ser  
 Todo este mundo é fadiga  
 Vós dixestes, filha amiga,  
 Que vos buscássemos logo...  
 VIDAL – E logo pujemos fogo...  
 LATÃO – Cala-te!  
 VIDAL – Não queres que diga?

Não fui eu também contigo?  
 Tu e eu não somos eu?  
 Tu judeu e eu judeu,  
 Não somos massa dum trigo?  
 LATÃO – Leixa-me falar.

VIDAL – Já calo.  
 Senhora, fomos... agora falo,  
 Ou falas tu?  
 LATÃO – Dize, que dizias?  
 Que foste, que fomos, que ias  
 Buscá-lo, esgravatá-lo...  
 VIDAL – Vós, amor, quereis marido  
 Mui discreto, e de viola?  
 LATÃO – Esta moça não é tola,  
 Que quer casar per sentido...  
 VIDAL – Judeu, queres-me leixar?  
 LATÃO – Leixo, não quero falar  
 VIDAL – Buscámo-lo...  
 LATÃO – Demo foi logo!  
 Crede que o vosso rogo  
 Vencerá o Tejo e o mar

Eu cuido que falo e calo...  
 Calo eu agora ou não?  
 Ou falo se vem à mão?  
 Não digas que não te falo.  
 INÊS – Jesu! Guarde-me ora Deus!  
 Não falará um de vós?  
 Já queria saber isso...  
 MÃE – Que siso, Inês, que siso  
 Tens debaixo desses véus...

INÊS – Diz o exemplo da velha:  
 «O que não haveis de comer  
 Leixai-o a outrem mexer».  
 MÃE – Eu não sei quem t'aconselha...  
 INÊS – Enfim, que novas trazeis?  
 VIDAL – O marido que quereis,  
 De viola e dessa sorte,  
 Não no há senão na corte  
 Que cá não no achareis.

Falámos a Badajoz,  
 Músico, discreto, solteiro.  
 Este fora o verdadeiro,  
 Mas soltou-se-nos da noz.  
 Fomos a Vilhacastim  
 E falou-nos em latim:  
 – «Vinde cá daqui a uma hora,  
 E trazei-me essa senhora».

INÊS – Assi que é tudo nada enfim!

VIDAL – Esperai, aguardai ora!  
 Soubemos dum escudeiro  
 De feição d'atafoneiro  
 Que virá logo essora,  
 Que fala... e com' ora fala!  
 Estrugirá esta sala.  
 E tange... e com' ora tange!  
 E alcança quanto abrange,  
 E se preza bem da gala.

*Vem o Escudeiro, com seu Moço, que lhe traz uma viola, e diz, falando só:*

ESCUDEIRO – Se esta senhora é tal  
 Como os Judeus ma gabaram,  
 Certo os anjos a pintaram,  
 E não pode ser i al.  
 Diz que os olhos com que via  
 Foram de Santa Luzia,  
 Cabelos, da Madanela...  
 Se fosse moça tão bela,  
 Como donzela seria?

Moça de vila será ela  
 Com sinalzinho postiço,  
 E sarnosa no toutiço,  
 Como burra de Castela.  
 Eu, assi como chegar  
 Cumpre-me bem atentar  
 Se é garrida, se honesta,  
 Porque o melhor da festa  
 É achar siso e calar.

*(Falando para Inês:)*

MÃE – Se este escudeiro há-de vir  
 E é homem de discrição,  
 Hás-te de pôr em feição,  
 De falar pouco e não rir  
 E mais, Inês, não muito olhar  
 E muito chão o menear  
 Por que te julguem por muda,  
 Porque a moça sesuda  
 É uma perla pera amar.

*(Falando para o criado:)*

ESCUDEIRO – Olha cá, Fernando, eu vou  
Ver a com que hei-de casar.

Avisa-te, que hás-de estar  
Sem barrete onde eu estou.

MOÇO – (Como a rei! Corpo de mi!  
Mui bem vai isso assi...)

ESCUDEIRO – E, se cuspir, pola ventura,  
Põe-lhe o pé e faz medida.

MOÇO – (Ainda eu isso não vi!)

ESCUDEIRO – E se me vires mentir  
Gabando-me de privado,

Está tu dissimulado,  
Ou sai-te pera fora a rir

Isto te aviso daqui,  
Faze-o por amor de mi.

MOÇO – Porém, senhor digo eu  
Que mau calçado é o meu

Pera estas vistas assi.

ESCUDEIRO – Que farei, que o sapateiro  
Não tem solas nem tem pele?

MOÇO – Sapatos me daria ele,  
Se me vós désseis dinheiro...

ESCUDEIRO – Eu o haverei agora.  
E mais calças te prometo.

MOÇO – (Homem que não tem nem preto,  
Casa muito na má hora.)

*Chega o Escudeiro onde está Inês Pereira, e levantam-se todos, e fazem suas medidas, e diz o Escudeiro:*

ESCUDEIRO – Antes que mais diga agora,

Deus vos salve, fresca rosa,

E vos dê por minha esposa,

Por mulher e por senhora;

Que bem vejo

Nesse ar, nesse despejo,

Mui graciosa donzela,

Que vós sois, minha alma, aquela

Que eu busco e que desejo.

Obrou bem a Natureza

Em vos dar tal condição

Que amais a discrição

Muito mais que a riqueza.

Bem parece

Que a discrição merece  
 Gozar vossa fermosura,  
 Que é tal que, de ventura,  
 Outra tal não se acontece.  
 Senhora, eu me contento  
 Receber vos como estais:  
 Se vós vos não contentais,  
 O vosso contentamento  
 Pode falecer no mais.

LATÃO – (Como fala!  
 VIDAL – E ela como se cala!  
 Tem atento o ouvido...  
 Este há-de ser seu marido,  
 Segundo a coisa s'abala.)  
 ESCUDEIRO – Eu não tenho mais de meu,  
 Somente ser comprador  
 Do Marichal meu senhor  
 E são escudeiro seu.  
 Sei bem ler  
 E muito bem escrever  
 E bom jogador de bola,  
 E quanto a tanger viola,  
 Logo me vereis tanger  
 Moço, que estais lá olhando?  
 MOÇO – Que manda Vossa Mercê?  
 ESCUDEIRO – Que venhais cá.  
 MOÇO – Pera quê?  
 ESCUDEIRO – Por que faças o que eu mando!  
 MOÇO – Logo vou.  
 (O Diabo me tomou:  
 Sair me de João Montês  
 Por servir um tavanês  
 Mor doudo que Deus criou!)  
 ESCUDEIRO – Fui despedir um rapaz  
 Que valia Perpinhão,  
 Por tomar este ladrão.  
 Moço!

MOÇO – Que vos praz?  
 ESCUDEIRO – A viola.  
 MOÇO – (Oh! como ficará tola  
 Se não fosse casar ante  
 Co mais sáfio bargante  
 Que coma pão e cebola!).  
 Ei-la aqui bem temperada,

Não tendes que temperar  
 ESCUDEIRO – Faria bem de ta quebrar  
 Na cabeça bem migada!  
 MOÇO – E se ela é emprestada,  
 Quem na havia de pagar?  
 Meu amo, eu quero m'ir.  
 ESCUDEIRO – E quando queres partir?  
 MOÇO – Ante que venha o Inverno,  
 Porque vós não dais governo  
 Pera vos ninguém servir

ESCUDEIRO – Não dormes tu que te farte?  
 MOÇO – No chão, e o telhado por manta...  
 E çarra-se m'a garganta  
 Com fome.  
 ESCUDEIRO – Isso tem arte...  
 MOÇO – Vós sempre zombais assi.  
 ESCUDEIRO – Oh que boas vozes tem  
 Esta viola aqui!  
 Leixa-me casar a mi,  
 Depois eu te farei bem.

MÃE – Agora vos digo eu  
 Que Inês está no Paraíso!  
 INÊS – Que tendes de ver co isso?  
 Todo o mal há-de ser meu.  
 MÃE – Quanta doudice!  
 INÊS – Oh! como é seca a velhice!  
 Leixai-me ouvir e folgar,  
 Que não me hei-de contentar  
 De casar com parvoíce.  
 Pode ser maior riqueza  
 Que um homem avisado?  
 MÃE – Muitas vezes, mal pecado,  
 é melhor boa simpreza.  
 LATÃO – Ora oivi, e oivireis.  
 Escudeiro, cantareis  
 Alguma boa cantadela.  
 Namorai esta donzela  
 E esta cantiga direis:

*Canta o Judeu*

«Canas do amor, canas,  
 canas do amor  
 Polo longo dum rio

Canaval vi florido,  
Canas do amo.»

*Canta o Escudeiro o romance «Mal me quieren en Castilla» e diz Vidal:*

VIDAL – Latão, já o sono é comigo  
Como oivo cantar guaiado,  
Que não vai esfandegado...

LATÃO – Esse é o Demo que eu digo!  
Viste cantar Dona Sol:  
*Pelo mar voy a vela,*  
*Vela vay pelo mar?*

VIDAL – Filha Inês, assi vivais  
Que tomeis esse senhor  
Escudeiro cantador  
E caçador de pardais,  
Sabedor revolvedor  
Falador gracejador  
Afoitado pela mão,  
E sabe de gavião...  
Tomai-o por meu amor.

Podeis topar um rabugento,  
Desmazelado, baboso,  
Descancarado, brigoso,  
Medroso, carapatento.  
Este escudeiro, aosadas,  
Onde se derem pancadas,  
Ele as há-de levar  
Boas, senão apanhar..  
Nele tendes boas fadas.  
MÃE – Quero rir com toda a mágoa  
Destes teus casamenteiros!  
Nunca vi Judeus ferreiros  
Aturar tão bem a frágoa.  
Não te é melhor mal por mal,  
Inês, um bom oficial,  
Que te ganhe nessa praça,  
Que é um escravo de graça,  
E mais casas com teu igual?

LATÃO – Senhora, perdi cuidado:  
O que há-de ser há-de ser;  
E ninguém pode tolher

O que está determinado.  
 VIDAL – Assi diz Rabi Zarão.  
 MÃE – Inês, guar'-te de rascão!  
 Escudeiro queres tu?  
 INÊS – Jesu, nome de Jesu!  
 Quão fora sois de feição!

Já minha mãe adivinha...  
 Folgastes vós na verdade  
 Casar à vossa vontade?  
 Eu quero casar à minha.  
 MÃE – Casa, filha, muit'embora.  
 ESCUDEIRO – Dai-me essa mão, senhora.  
 INÊS – Senhor de mui boa mente.  
 ESCUDEIRO – Per palavras de presente  
 Vos recebo desd'agora.

Nome de Deus, assi seja!  
 Eu, Brás da Mata, Escudeiro,  
 Recebo a vós, Inês Pereira  
 Por mulher e por parceira  
 Como manda a Santa Igreja.  
 INÊS – Eu, aqui diante Deus,  
 Inês Pereira, recebo a vós,  
 Brás da Mata, sem demanda,  
 Como a Santa Igreja manda.

LATÃO – Juro al Deu! Aí somos nós!

*Os Judeus ambos*

Alça manim, ó dona, ha!  
 Arreia espeçulá.  
 Bento o Deu de Jacob,  
 Bento o Deu que a Faraó  
 MÃE – Espantou e espantará.  
 Bento o Deu de Abraão,  
 Benta a terra de Canão.  
 Para bem sejais casados!  
 Dai-nos cá senhos ducados.  
 MÃE – Amenhá vo-los darão.

Pois assi é, bem será  
 Que não passe isto assi.  
 Eu quero chegar ali  
 Chamar meus amigos cá,

E cantarão de terreiro.  
 ESCUDEIRO – Oh! quem me fora solteiro!  
 INÊS – Já vós vos arrependeis?  
 ESCUDEIRO – Ó esposa, não faleis,  
 Que casar é cativoiro.

*Aqui vem a Mãe com certas moças e mancebos pera fazerem a festa, e diz uma delas, per nome Luzia:*

LUZIA – Inês, por teu bem te seja!  
 Oh! que esposo e que alegria!  
 INÊS – Venhas embora, Luzia,  
 E cedo t'eu assi veja.

MÃE – Ora vae tu ali, Inês,  
 E bailareis três por três.  
 FERNANDO – Tu connosco, Luzia, aqui,  
 E a desposada ali,  
 Ora vede qual direis.

*Cantam todos a cantiga que se segue:*

«Mal herida va la garça  
 Enamorada,  
 Sola va y gritos dava.  
 A las orillas de um rio  
 La garça tenia el nido;  
 Ballestero la ha herido  
 En el alma;  
 Sola va y gritos dava.»

*E, acabando de cantar e bailar diz Fernando:*

FERNANDO – Ora, senhores honrados,  
 Ficai com vossa mercê,  
 E nosso Senhor vos dê  
 Com que vivais descansados.  
 Isto foi assi agora,  
 Mas melhor será outr'hora.  
 Perdoai pelo presente:  
 Foi pouco e de boa mente.  
 Com vossa mercê, Senhora...

LUZIA – Ficai com Deus, desposados,  
 Com prazer e com saúde,  
 E sempre Ele vos ajude

Com que sejais bem logrados.  
 MÃE – Ficai com Deus, filha minha,  
 Não virei cá tão asinha.  
 A minha bênção hajais.  
 Esta casa em que ficais  
 Vos dou, e vou-me à casinha.

Senhor filho e senhor meu,  
 Pois que já Inês é vossa,  
 Vossa mulher e esposa,  
 Encomendo-vo-la eu.  
 E, pois que des que naceu  
 A outrem não conheceu,  
 Senão a vós, por senhor  
 Que lhe tenhais muito amor  
 Que amado sejais no céu.

*Ida a Mãe, fica Inês Pereira e o Escudeiro. E senta-se Inês Pereira a lavar e canta esta cantiga:*

INÊS – Si no os huviera mirado  
 No penara,  
 Pero tampoco os mirara.

*O Escudeiro, vendo cantar Inês Pereira, mui agastado lhe diz:*

ESCUDEIRO – Vós cantais, Inês Pereira?  
 Em vodas m'andáveis vós?  
 Juro ao corpo de Deus  
 Que esta seja a derradeira!  
 Se vos eu vejo cantar  
 Eu vos farei assoviar.  
 INÊS – Bofé, senhor meu marido,  
 Se vós disso sois servido,  
 Bem o posso eu escusar.  
 ESCUDEIRO – Mas é bem que o escuseis,  
 E outras cousas que não digo!  
 INÊS – Porque bradais vós comigo?  
 ESCUDEIRO – Será bem que vos caleis.  
 E mais, sereis avisada  
 Que não me respondais nada,  
 Em que ponha fogo a tudo,  
 Porque o homem sesudo  
 Traz a mulher sopeada.

Vós não haveis de falar

Com homem nem mulher que seja;  
 Nem somente ir à igreja  
 Não vos quero eu deixar  
 Já vos preguei as janelas,  
 Por que não vos ponhais nelas.  
 Estareis aqui encerrada  
 Nesta casa, tão fechada  
 Como freira d'Oudivelas.

INÊS – Que pecado foi o meu?  
 Porque me dais tal prisão?  
 ESCUDEIRO – Vós buscastes discrição,  
 Que culpa vos tenho eu?  
 Pode ser maior aviso,  
 Maior discrição e siso  
 Que guardar o meu tisouro?  
 Não sois vós, mulher meu ouro?  
 Que mal faço em guardar isso?

Vós não haveis de mandar  
 Em casa somente um pêlo.  
 Se eu disser: – isto é novelo –  
 Haver-lo de confirmar  
 E mais quando eu vier  
 De fora, haveis de tremer;  
 E cousa que vós digais  
 Não vos há-de valer mais  
 Que aquilo que eu quiser.

*(para o criado)*

Moço, às Partes d'Além  
 Me vou fazer cavaleiro.  
 MOÇO – (Se vós tivésseis dinheiro  
 Não seria senão bem...)  
 ESCUDEIRO – Tu hás-de ficar aqui.  
 Olha, por amor de mi,  
 O que faz tua senhora:  
 Fechá-la-ás sempre de fora.

*(para Inês)*

Vós lavrai, ficai per i.

MOÇO – Co dinheiro que leixais  
 Não comerei eu galinhas...

ESCUDEIRO – Vae-te tu por essas vinhas,  
Que diabo queres mais?

MOÇO – Olhai, olhai, como rima!  
E depois de ida a vindima?

ESCUDEIRO – Apanha desse rabisco.

MOÇO – Pesar ora de São Pisco!  
Convidarei minha prima...

E o rabisco acabado,

Ir me-ei espojar às eiras?

ESCUDEIRO – Vai-te per essas figueiras,  
E farta-te, desmazelado!

MOÇO – Assi?

ESCUDEIRO – Pois que cuidavas?

E depois virão as favas.

Conheces túbaras da terra?

MOÇO – I-vos vós, embora, à guerra,  
Que eu vos guardarei oitavas...

*Ido o Escudeiro, diz o Moço:*

MOÇO – Senhora, o que ele mandou

Não posso menos fazer.

INÊS – Pois que te dá de comer

Faze o que t'encomendou.

MOÇO – Vós fartai-vos de lavrar

Eu me vou desenfadar

Com essas moças lá fora:

Vós perdoai-me, senhora,

Porque vos hei-de fechar.

*Aqui fica Inês Pereira só, fechada, lavrando e cantando esta cantiga:*

INÊS – «Quem bem tem e mal escolhe

Por mal que lhe venha não s'anoje.»

Renego da discrição

Comendo ò demo o aviso,

Que sempre cuidei que nisso

Estava a boa condição.

Cuidei que fossem cavaleiros

Fidalgos e escudeiros,

Não cheios de desvarios,

E em suas casas macios,

E na guerra lastimeiros.

Vede que cavalarias,

Vede que já mouros mata  
 Quem sua mulher maltrata  
 Sem lhe dar de paz um dia!  
 Sempre eu ouvi dizer  
 Que o homem que isto fizer  
 Nunca mata drago em vale  
 Nem mouro que chamem Ale:  
 E assi deve de ser.

Juro em todo meu sentido  
 Que se solteira me vejo,  
 Assi como eu desejo,  
 Que eu saiba escolher marido,  
 À boa fé, sem mau engano,  
 Pacífico todo o ano,  
 E que ande a meu mandar  
 Havia m'eu de vingar  
 Deste mal e deste dano!

*Entra o Moço com uma carta de Arzila, e diz:*

MOÇO – Esta carta vem d'Além  
 Creio que é de meu senhor.

INÊS – Mostrai cá, meu guarda-mor  
 E veremos o que i vem.  
 Lê o sobrescrito.  
 «À mui prezada senhora  
 Inês Pereira da Grã,  
 À senhora minha irmã.»  
 De meu irmão...Venha embora!

MOÇO – Vosso irmão está em Arzila?

Eu apostarei que i vem  
 Nova de meu senhor também.

INÊS – Já ele partiu de Tavila?

MOÇO – Há três meses que é passado.

INÊS – Aqui virá logo recado

Se lhe vai bem, ou que faz.

MOÇO – Bem pequena é a carta assaz!

INÊS – Carta de homem avisado.

*Lê Inês Pereira a carta, a qual diz:*

«Muito honrada irmã,  
 Esforçai o coração

E tomai por devação  
 De querer o que Deus quiser.»  
 E isto que quer dizer?  
 «E não vos maravilheis  
 De cousa que o mundo faça,  
 Que sempre nos embaraça  
 Com cousas. Sabei que indo  
 Vosso marido fugindo  
 Da batalha pera a vila,  
 A meia légua de Arzila,  
 O matou um mouro pastor.»  
 MOÇO – Ó meu amo e meu senhor!

INÊS – Dai-me vós cá essa chave  
 E i buscar vossa vida.  
 MOÇO – Oh que triste despedida!  
 INÊS – Mas que nova tão suave!  
 Desatado é o nó.  
 Se eu por ele ponho dó,  
 O Diabo me arrebente!  
 Pera mim era valente,  
 E matou-o um mouro só!

Guardar de cavaleirão,  
 Barbudo, repetenado,  
 Que em figura de avisado  
 É malino e sotrancão.  
 Agora quero tomar  
 Pera boa vida gozar,  
 Um muito manso marido.  
 Não no quero já sabido,  
 Pois tão caro há de custar.

*Aqui vem Lianor Vaz, e finge Inês Pereira estar chorando, e diz Lianor Vaz:*

LIANOR – Como estais, Inês Pereira?  
 INÊS – Muito triste, Lianor Vaz.  
 LIANOR – Que fareis ao que Deus faz?  
 INÊS – Casei por minha canseira.  
 LIANOR – Se ficaste prenhe basta.  
 INÊS – Bem quisera eu dele casta,  
 Mas não quis minha ventura.  
 LIANOR – Filha, não tomeis tristura,  
 Que a morte a todos gasta.

O que havedes de fazer?

Casade-vos, filha minha.  
 Inês Jesu! Jesu! Tão asinha!  
 Isso me haveis de dizer?  
 Quem perdeu um tal marido,  
 Tão discreto e tão sabido,  
 E tão amigo de minha vida?  
 LIANOR – Dai isso por esquecido,  
 E buscai outra guarida.

Pêro Marques tem, que herdou,  
 Fazenda de mil cruzados.  
 Mas vós quereis avisados...  
 INÊS – Não! já esse tempo passou.  
 Sobre quantos mestres são  
 Experiência dá lição.  
 LIANOR – Pois tendes esse saber  
 Querei ora a quem vos quer  
 Dai ò demo a opinião.

*Vai Lianor Vaz por Pêro Marques, e fica Inês Pereira só, dizendo:*

INÊS – Andar! Pêro Marques seja.  
 Quero tomar por esposo  
 Quem se tenha por ditoso  
 De cada vez que me veja.  
 Por usar de siso mero,  
 Asno que me leve quero,  
 E não cavalo folão.  
 Antes lebre que leão,  
 Antes lavrador que Nero.

*Vem Lionor Vaz com Pêro Marquez, e diz Lianor Vaz:*

LIANOR – Nô mais cerimónias agora;  
 Abraçai Inês Pereira  
 Por mulher e por parceira.

PÊRO – Há homem empacho, má-hora,  
 Cant'a dizer abraçar..  
 Depois que a eu usar  
 Entonces poderá ser:  
 INÊS – (Não lhe quero mais saber  
 Já me quero contentar..).  
 LIANOR – Ora dai-me essa mão cá.  
 Sabeis as palavras, si?  
 PÊRO – Ensinaaram-mas a mi,

Porém esquecem-me já...  
 LIANOR – Ora dizei como digo.  
 PÊRO – E tendes vós aqui trigo  
 Pera nos jeitar por riba?  
 LIANOR – Inda é cedo... Como rima!  
 PÊRO – Soma, vós casais comigo,

E eu com vosco, pardelhas!  
 Não cumpre aqui mais falar  
 E quando vos eu negar  
 Que me cortem as orelhas.  
 LIANOR – Vou-me, ficai-vos embora.  
 INÊS – Marido, sairei eu agora,  
 Que há muito que não saí?  
 PÊRO – Si, mulher saí-vos i,  
 Qu'eu me irei pera fora.

INÊS – Marido, não digo isso.  
 PÊRO – Pois que dizeis vós, mulher?  
 INÊS – Ir folgar onde eu quiser  
 PÊRO – I onde quiserdes ir,  
 Vinde quando quiserdes vir  
 Estai onde quiserdes estar.  
 Com que podeis vós folgar  
 Qu'eu não deva consentir?

*Vem um Ermitão a pedir esmola, que em moço lhe quis bem, e diz:*

Señores, por caridad  
 Dad limosna al dolorido  
 Ermitaño de Cupido  
 Para siempre en soledad.  
 Pues su siervo soy nacido.  
 Por ejemplo,  
 Me meti en su santo templo  
 Ermitaño en pobre ermita,  
 Fabricada de infinita  
 Tristeza en que contemplo,

Adonde rezo mis horas  
 Y mis dias y mis años,  
 Mis servicios y mis daños,  
 Donde tu, mi alma, lloras  
 El fin de tantos engaños.  
 Y acabando  
 Las horas, todas llorando,

Tomo las cuentas una y una,  
 Con que tomo a la fortuna  
 Cuenta del mal en que ando,  
 Sin esperar paga alguna.

Y ansi sin esperanza  
 De cobrar lo merecido,  
 Sirvo alli mis dias Cupido  
 Con tanto amor sin mudanza,  
 Que soy su santo escogido.  
 Ó señores,  
 Los que bien os va d'amores,  
 Dad limosna al sin holgura,  
 Que habita en sierra oscura,  
 Uno de los amadores  
 Que tuvo menos ventura.

Y rogaré al Dios de mi,  
 En quien mis sentidos traigo,  
 Que recibais mejor pago  
 De lo que yo recebi  
 En esta vida que hago.  
 Y rezaré  
 Com gran devocion y fé,  
 Que Dios os libre d'engaño,  
 Que esso me hizo ermitaño,  
 Y pera siempre seré,  
 Pues pera siempre es mi daño.

INÊS – Olhai cá, marido amigo,  
 Eu tenho por devaçãõ  
 Dar esmola a um ermitãõ.  
 E não vades vós comigo  
 PÊRO – I-vos embora, mulher  
 Não tenho lá que fazer

*(Inês fala a sós com o Ermitão):*

INÊS – Tomai a esmola, padre, lá,  
 Pois que Deus vos trouxe aqui.  
 ERMITÃO – Sea por amor de mi  
 Vuesa buena caridad.  
*Deo gratias*, mi señora!  
 La limosna mata el pecado,  
 Pero vos teneis cuidado  
 De matar-me cada hora.

Deveis saber  
 Para merced me hacer  
 Que por vos soy ermitaño.  
 Y aun más os desengañó:  
 Que esperanças de os ver  
 Me hizieron vestir tal paño.

INÊS – Jesu, Jesu! manas minhas!  
 Sois vós aquele que um dia  
 Em casa de minha tia  
 Me mandastes camarinhas,  
 E quando aprendia a lavrar  
 Mandáveis-me tanta cousinha?  
 Eu era ainda Inesinha,  
 Não vos queria falar.

ERMITÃO – Señora, tengo-os servido  
 Y vos a mi despreciado;  
 Haced que el tiempo pasado  
 No se cuente por perdido.  
 INÊS – Padre, mui bem vos entendo  
 Ó demo vos encomendo,  
 Que bem sabeis vós pedir!  
 Eu determino lá d'ir  
 À ermida, Deus querendo.

ERMITÃO – E quando?  
 INÊS – I-vos, meu santo,  
 Que eu irei um dia destes  
 Muito cedo, muito prestes.  
 ERMITÃO – Señora, yo me voy en tanto.

*(Inês torna para Pêro Marques):*

INÊS – Em tudo é boa a concurção.  
 Marido, aquele ermitão  
 É um anjinho de Deus...  
 PÊRO – Corregê vós esses véus  
 E ponde-vos em feição.  
 INÊS – Sabeis vós o que eu queria?  
 PÊRO – Que quereis, minha mulher?  
 INÊS – Que houvésseis por prazer  
 De irmos lá em romaria.

PÊRO – Seja logo, sem deter  
 INÊS – Este caminho é comprido...

Contai uma história, marido.

PÊRO – Bofá que me praz, mulher

INÊS – Passemos primeiro o rio.

Descalçai-vos.

PÊRO – E pois como?

INÊS – E levar me-eis no ombro,

Não me corte a madre o frio.

*Põe-se Inês Pereira às costas do marido, e diz:*

INÊS – Marido, assi me levade.

PÊRO – Ides à vossa vontade?

INÊS – Como estar no Paraíso!

PÊRO – Muito folgo eu com isso.

INÊS – Esperade ora, esperade!

Olhai que lousas aquelas,

Pera poer as talhas nelas!

PÊRO – Quereis que as leve?

INÊS – Si.

Uma aqui e outra aqui.

Oh como folgo com elas!

Cantemos, marido, quereis?

PÊRO – Eu não saberei entoar..

INÊS – Pois eu hei só de cantar

E vós me respondereis

Cada vez que eu acabar:

«Pois assi se fazem as cousas».

Canta Inês Pereira:

INÊS – «Marido cuco me levades

E mais duas lousas.»

PÊRO – «Pois assi se fazem as cousas.»

INÊS – «Bem sabedes vós, marido,

Quanto vos amo.

Sempre fostes percebido

Pera gamo.

Carregado ides, noss'amo,

Com duas lousas.»

PÊRO – «Pois assi se fazem as cousas»

INÊS – «Bem sabedes vós, marido,

Quanto vos quero.

Sempre fostes percebido

Pera cervo.

Agora vos tomou o demo

Com duas lousas.»

PÊRO – «Pois assi se fazem as cousas.»

*E assi se vão, e se acaba o dito Auto.*

\*\*\*\*\*

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 1997

<http://www.ipn.pt/literatura>

\*\*\*\*\*